

Maria João L. Ortigão de Oliveira

O essencial sobre

RAMALHO ORTIGÃO

hcm

© **N** IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Maria João L. Ortigão de Oliveira

O essencial sobre

RAMALHO ORTIGÃO

rcm

À memória do meu pai.

«Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das ciências, da admiração das grandes personagens, das mistificações da política, do fanatismo dos reformadores, da superstição deste grande universo e da adoração de mim mesmo.»

P. J. Proudhon
cit. por Ramalho Ortigão,
As Farpas, vol. XIII

ADVERTÊNCIA

Há destinos assim: que saem da generalizada indiferença para representarem exemplos de fragilidades tão especificamente nacionais, de que um e outro — país e homem — reciprocamente são exemplos infecundos.

Injusto talvez.

Ramalho Ortigão foi um desses. À excepção das loas necrófilas e inoportunas à data da sua morte, de uma ou outra formal comunicação aquando do descerramento de uma lápide ou inauguração de estátua, desagradado ou recuperado ao prazer de conveniências epocais, são de facto poucas e ocasionais as referências feitas à sua obra pelo nosso pensamento crítico.

Outra sorte, como sabemos, tiveram os seus companheiros de geração.

Tentaremos então, neste breve texto, dar um pouco a conhecer a justa medida do seu talento, nem maior, nem seguramente menor, subtil por vezes, curioso outras tantas, autor no entanto de uma obra única entre nós, para cuja especificidade, consistência e interesse gostaríamos de chamar a atenção.

Lisboa, Julho de 1987

1.

HISTÓRIAS COR-DE-ROSA:
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

«Só nós, as crianças, é que gozávamos nesta festa uma alegria imperturbável e perfeita, porque não tínhamos a compreensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro. Para nós tudo na vida tinha o carácter imutável e eterno. O destino aparecia-nos ridentemente fixado, como no musgo as alegres figuras do presépio. Supúnhamos que seriam eternamente lisas as faces de nossa mãe, eternamente negro o bigode de nosso pai, eternamente resignada e compadecida a decrepita figura da nossa avó, toucada nas suas rendas pretas, no fundo da grande poltrona.»

As Farpas, vol. 1

Os vectores que se cruzam no tempo e no espaço de uma vida têm em Ramalho Ortigão uma conjugação que seríamos tentados a apelidar de feliz, tal

a adequação é perfeita entre o físico, o vivencial e o psicológico.

Com efeito, a vida e a obra de Ramalho Ortigão de tal modo se equilibram, a influência de uma sobre a outra de tal forma é acertada e justa, que a impressão colhida ao estudarmos uma e outra, é que o autor viveu como escreveu e escreveu como viveu. Não assistimos aqui ao esfacelamento da vida em função da obra, característico de alguns criadores, nem a atitude inversa, destino de outros tantos, geniais na vida e tão-só talentosos na obra . . .

José Duarte Ramalho Ortigão nasceu no Porto a 25 de Novembro de 1836. Seu pai, o primeiro-tenente de artilharia Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, era de origem alentejana e algarvia; sua mãe, D. Antónia Alves Duarte Silva Ramalho Ortigão era natural de Paranhos, no Porto, onde aliás a família residia. Era o mais velho de nove irmãos, e a infância, conforme ele próprio no-la descreve em trecho autobiográfico, decorreu numa quinta no Porto, com sua avó materna, a educação a cargo dum tio-avô e padrinho Frei José do Sacramento, e dum criado, Manuel Caetano, do Batalhão dos Veteranos, com cinquenta anos de

serviço militar. Aliás ele próprio se reconhecia meio frade e meio soldado, e essa afirmação, entre a *boutade* e o confesso, situa com certeza uma vontade e um reconhecimento, um projecto e uma realização.

De frade, o gosto pela pedagogia e pela ordem, de soldado o culto do corpo são, harmónico, o espírito positivo, de serviço se não de coerência, que aliás quis imprimir à sua vida.

As tão comentadas *volte-faces* de Ramalho não representarão então se não oscilações (comuns, aliás a outros companheiros de geração como Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Oliveira Martins) mais do que efectivas mudanças, pois que o seu trajecto, como veremos, se vai cumprindo, da juventude à velhice, numa missão, que no sentido do dever e servir do soldado e do frade encontra o sentido e a justificação: «O que tenho de bom, física e moralmente, se alguma coisa boa tenho, devo-o às fortes e sadias convivências da minha infância nessa bendita casa de Germalde, à religião e à disciplina dos meus dois velhos amigos, ao bom leite das nossas vacas, à hortaliça e legumes da nossa horta, aos ovos frescos do galinheiro, ao canto dos melros e dos rouxinóis a que eu armava alçapões, aos mui-

tos trambolhões que dei da burra abaixo, e à dura broa do balaio, na enfumaçada cozinha da avó.»¹.

Significativamente, são as «Viagens na minha terra» de Almeida Garrett, lidas na convalescença duma doença, que o induzem à escrita e à literatura. De facto, e para além duma influência estritamente estilística, durante toda a vida não abandonará um gosto exacerbado pelas viagens e pela sua terra, possuído dum real «espírito do lugar» que fará dele um dos primeiros cultores da etnografia nacional, inspirando-lhe também algumas das suas páginas mais documentadas.

2.

CRÓNICAS PORTUENSES: A MOCIDADE

«Não a adulo [à sociedade] porque para os homens da minha idade não há ouro nos cofres nem mesquinha conveniência no Mundo que faça vergar uma cabeça, a menos altiva de todas ela à bajulação abjecta e aviltante.»

Crónicas Portuenses

Depois de breve passagem por Coimbra, onde gozou de saúde e não se tornou bacharel², encontramos-lo professor da disciplina de Francês no colégio da Lapa, no Porto, de que seu pai é director, e onde ensina, entre outros, Eça de Queirós e Ricardo Jorge, que o evoca em texto de 1915, por altura da sua morte: «Estou a ver-lhe o corpanzil, alto, espadaúdo e desempenado, caminhando de cabeça erguida, passada lesta e meneio rasgado [. . .]. Encadernado a primor de moda: figura de bigode e patilhas à segundo império,

coroadada por um chapéu de pano pespontado, a projectar-se altiva da gorjeira do colarinho à mamã; gravata escocesa de ponta larga, jaquetão trespasado de ratina azul, calças justas de listra larga na ourela e botão na boca, butes com biqueira quadrada de coiro da Rússia, bengala de cana branca com castão de muleta de marfim.»³.

Cultivava então um certo *dandismo* de tonalidade ultra-romântica e camiliana, que os seus escritos de então («Primeiras prosas», «Crónicas Portuenses» e «Literatura de Hoje») reflectem, e ainda segundo Eça de Queirós, «detestava a democracia que lhe supunha caspa» ...⁴.

Entretanto colaborava no *Jornal do Porto* e estas duas actividades — a pedagógica e a jornalística — manifestam dois vectores essenciais do seu pensamento, escrita e modo de acção.

Com efeito, e aqui voltaremos com mais detalhe, através de toda a obra de Ramalho Ortigão se detectam duas preocupações fundamentais: ensinar a ver, a apreciar, a viver, se possível, a rir ao maior número possível de pessoas; não se encontra em Ramalho Ortigão a preocupação duma elaboração teórico-poiética, antes se nos depara um «corpus» fragmentado e fragmentário de intuições, impressões, sensações, inerente a uma escrita jornalística. «Você é

Shakespeare e o Diário de Notícias», diz-lhe Eça de Queirós, seriamente humorado⁵.

O seu contributo para a Questão Coimbrã «Bom Senso e Bom Gosto», que envolve como sabemos a nova geração, inconformista e «moderna», liderada por Antero de Quental e Teófilo Braga entre outros, e o seu contraponto imobilista e retrógrado de que António Feliciano de Castilho representa o expoente ocasional, surge com o folheto «Literatura de hoje» publicado ainda no Porto em 1866. Embora a sintonia imediata seja com os mais novos, tenta, como já vai sendo seu hábito, a imparcialidade e o «juste milieu», não agradando naturalmente a Castilho, que dele desconfia, muito menos a Antero, a quem apodou de cobarde por ter insultado um velho escritor. Em consequência, com ele se bate em duelo, ficando inexplicavelmente ferido e vencido, sem que no entanto e no dizer de alguém, Antero saísse moralmente vencedor . . .

O casamento tranquilo e sensato com D. Emília Isaura de Araújo Vieira, em 1857, contribuía para a desejada estabilidade, assegurada desde então por devotada companheira, que curiosamente parece em nada ter influído na sua vida criativa. Já o nascimento e posterior educação dos filhos (Vasco, Berta e Maria Felicianiana) são referência se não constante,

pelo menos decisiva na sua obra: «Peguei-lhe com um cuidado religioso nos seus pezinhos papudos, redondos, de unhas pequenas como cabeças de alfinete e calcei-os em enormes alpergatas de sôfregos e estrepitosos beijos. [...] Há bastantes anos que isso foi. O menino que chegou de França nessa noite tem o tamanho de um granadeiro [...] Desde então, porém, até hoje a impressão que me produziam as crianças modificou-se singularmente: não vejo uma que me não lembre de que ela deu a seu pai uma comoção igual à que eu tive»⁶, refere a propósito do nascimento do primeiro filho.

Em 1867, e como apesar de tudo, «a vida habitual pesa em nosso espírito como o trambolho no pé duma galinha»⁷, vai a Paris à Exposição Universal, e desta viagem resulta o livro «Em Paris», o primeiro duma série de livros de viagens.

Entretanto não se sente plenamente satisfeito. O ambiente portuense não lhe é favorável, quer em termos económicos, quer em termos psicológicos: «Devo aos literatos de Lisboa provas de consideração e estima que os seus patrícios nunca jamais me fizeram mercê», lastima-se.

Assim, e surgindo a hipótese duma vaga para oficial da Academia das Ciências em Lisboa, pega na mulher, «nos tarecos e nos pequenos»⁸ e transfere-se para Lisboa, onde passa a residir deste então.

3.

«UMA CAMPANHA ALEGRE»:
A «GERAÇÃO DE SETENTA»

Os latidos

I

«Quem muito ladra, pouco aprende».

ANTERO DE QUENTAL

II

«Escritor que ladra não morde»

OLIVEIRA MARTINS

III

«Dentada de crítico cura-se com pêlo
do mesmo crítico.»

RAMALHO ORTIGÃO

IV

«Cão lírico ladra à lua; cão filósofo
aboca o melhor osso.»

EÇA DE QUEIRÓS

V

«Cão de letras — cachorro!»

GUERRA JUNQUEIRO

[...] (Assinada) a Matilha.

As Farpas, vol. I

Se o século XVIII é, como diz Starobinski, o século da invenção da liberdade, o século XIX é bem

o da invenção do sistema e da história, representando por isso um salto qualitativo de enorme importância relativamente aos anteriores.

Portugal, se por um lado não pode ficar alheio às profundas transformações nos mais variados domínios, social, ético, científico, artístico, linguístico, por outro, não as poderá acompanhar, vítima de incapacidades e estreitezas seculares particularmente sentidas pelos componentes da que se convencionou chamar de «geração de setenta». Verdadeira revolução cultural, surgida num tempo histórico de desagregação política, social, económica e moral da sociedade portuguesa, a ela pertenceram com maior ou menor incidência Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Jaime Batalha Reis, Gomes Leal entre outros.

Esclarecida e crítica, revolucionária e céptica, utópica e empreendedora, a propósito dela escreve Unamuno das mais sentidas palavras: Que Portugal lhes doía . . .

É bem conhecida a inquietação metafísica e o destino trágico de um Antero de Quental, a gravidade responsável de um Oliveira Martins, a turbulência irreverente de um Guerra Junqueiro. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, numa colaboração tal-

vez ainda não suficientemente estudada propõem-nos o riso como lenitivo dessa dor profunda, e dão-nos pioneiro dum género «policial», «O mistério da estrada de Sintra» (1870). Embora seja no dizer de seus autores em prefácio de 1884 «Romance execrável [...] porque nele há um pouco de tudo quanto um romancista lhe não deveria pôr, e quase tudo quanto um crítico lhe deveria tirar», ele é simultaneamente «o testemunho da íntima confraternidade de dois antigos homens de letras resistindo a vinte anos de provação nos contactos de uma sociedade que por todos os lados se dissolve.»

Ainda em 1870, publica Ramalho Ortigão uma série de curiosas historietas a que dará o nome de «Histórias cor-de-rosa» e inicia a publicação de *Correio de Hoje* (1870-1871).

Fruto dessa «confraternidade», surgem, já no ano seguinte, os primeiros folhetos de *As Farpas*, verdadeira pedrada no marasmo da sociedade de então.

A colaboração de Eça de Queirós, breve como veremos, ficará resumida aos dois volumes que entretanto serão compilados sob sugestivo título: «Uma Campanha Alegre».

Nesse emblemático ano de 1871 se realizaram as «Conferências do Casino», em plena agitação política-social europeia de que a «Comuna de Paris» é o paradigma. Nelas não participou directamente Ramalho Ortigão, embora estivesse estreitamente ligado por laços de convívio e amizade aos seus principais promotores. Com efeito, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Jaime Batalha Reis, Salomão Saragga Leal e um largo etcetera, reuniam-se num «Cenáculo» literário e boémio onde a influência de Proudhon e das ideias socialistas e progressistas era intensa: «Aos vinte anos é preciso que alguém seja estroina nem sempre para que o Mundo progrida, mas ao menos para que o mundo se agite. Para se ser ponderado, correcto e imóvel, há tempo de sobra na velhice.»⁹

Ramalho Ortigão descreveu nas *Farpas* esse Cenáculo de forma saborosa e nostálgica:¹⁰ «Era uma pequena reunião de rapazes em sessão permanente em casa de Antero. Uns passavam lá o dia. Outros iam lá ficar de noite. Todos ali tinham os melhores dos seus livros, as suas notas, as suas provisões de princípios e de tabaco. Cada um desses homens possuía pelo menos uma das ciências capitais que constituem as bases dos conhecimentos humanos: a física, a química, as matemáticas, a fi-

siologia, o direito, a história, a linguística. Antero de Quental, cabeça verdadeiramente enciclopédica, um dos mais sólidos e profundos entendimentos que tem produzido este século, era como a lógica viva daquele foco intelectual.»

O grupo havia contratado um criado, que de imediato apelidara de Via Láctea, por estar encarregue de «examinar atenta e vigilantemente tudo o que se passasse no Universo e informar o Cenáculo [...] e conquanto não tivesse nada mais que fazer senão isso, ao cabo de alguns meses declarou que não podia com tanto serviço e despediu-se.» E Ramalho Ortigão assim conclui: «Os belos dias alegres da mocidade, que marcam indelevelmente o destino e a vida do homem terminavam para Antero de Quental e para os seus amigos. [...] É assim que a mocidade acaba ... De repente, num dia, numa hora, num minuto, como acaba um património imenso, de que se gasta afinal a última libra.»

4.

AS FARPAS: A MATURIDADE

«— Ora, o Sr. Perdigão (nunca me honrou com outro apelido aquele venerando vulto!) há-de ter a bondade de me dizer aqui assim à puridade, o que é que lhe falta para se achar plenamente satisfeito no seio da sociedade a que pertence? . . .

Eu, que tinha então menos vinte anos do que hoje, bom pé, bom estômago e bom humor, considerando que valsara com um par encantador, que comera uma excelente lagosta à americana regada com quatro ou cinco copos de Moet et Chandon, que estava sorvendo o mais saboroso gelado de marrasquino, e que iria dali para minha casa regalando-me de fumar um charuto na deliciosa frescura da madrugada, inclinei-me com reverência e declarei categoricamente que nada faltava neste mundo à plenitude da minha satisfação.»

As Farpas, vol. II

É Joel Serrão quem nos chama a atenção para a importância do estudo dos agentes e meios cul-

turais oitocentistas, salientando entre eles os de especial relevância e significado para o século XIX português: a instrução, o jornalismo, a literatura, o teatro. É de facto sintomático que Ramalho Ortigão se tenha dedicado tanto à teorização como à prática dessas coordenadas, surgindo assim como um verdadeiro agente cultural no pobre meio cultural português de finais do século.

«Diz-se geralmente — Ramalho Ortigão autor das «Farpas»; não seria inexacto dizer — *As Farpas*, autoras de Ramalho Ortigão». O paradoxo, tão tipicamente queirosiano, explicita a importância que *As Farpas* revestem na vida e na obra do autor. Integráveis num mais vasto contexto de jornalismo crítico, de que um Alphonse Carr com *Les Guêpes*, foi o cultor em França, e que teria posteriormente o seu expoente em Viena, com Karl Kraus, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, em estrita consonância e na directa consequência das Conferências do Casino, empreendem uma vasta obra de crítica e sátira social, expressa desde logo no artigo inicial, da autoria de Eça de Queirós sobre «O estado social de Portugal em 1871», em que traça um panorama global da sociedade de então nos seus múltiplos aspectos político, cultural, religioso e literário.

Em finais de 1872, contudo, com a partida de Eça de Queirós para Havana, no exercício do seu primeiro cargo consular no estrangeiro, Ramalho Ortigão incumbe-se sozinho da redacção das *Farpas*, iniciadas como já vimos, no ano anterior, e imprime-lhes um cunho pessoal: Se com Eça de Queirós *As Farpas* tinham um pendor mais incisivamente demolidor e sarcástico, com Ramalho observa-se uma mudança de pólo orientador, mais declaradamente pedagógico: a elas dedica grande parte da sua vida, nelas se consubstanciam as qualidades e defeitos do homem e do escritor.

Reunidas posteriormente em quinze volumes (além de um volume de *Ultimas Farpas* e de dois volumes de *Farpas Esquecidas*, estas resultado da colaboração na revista «O António Maria», dirigida por Rafael Bordalo Pinheiro), foram divididas tematicamente, cabendo a cada um um assunto específico: assim o primeiro volume trata «A vida provincial», o segundo «As epístolas», o terceiro «Os indivíduos», o quarto «O parlamentarismo», o quinto «A religião e a arte», o sexto «A sociedade», o sétimo «A Capital», o oitavo «Os nossos filhos; instrução pública», o nono «O movimento literário e artístico», o décimo e décimo primeiro «Aspectos vários da sociedade, da

política, da administração», estando os quatro últimos volumes agrupados cronologicamente: tomo XII (1871-1872), tomo XIII (1872), tomo XIV (1873-1875), tomo XV (1876-1882).

Para esta ciclópica tarefa (não esqueçamos que *As Farpas* tinham como programa e função educar as pessoas e reformar os costumes), arma-se de todos os conhecimentos possíveis, procurando abranger todos os ramos do saber, disso se ressentindo a profundidade com que trata alguns deles. Mas, como refere Hernâni Cidade no seu breve estudo sobre o autor: «autorizava quanto escrevia, senão pela densidade, ao menos pela universalidade da cultura; consagrou todo o esforço que pôde a adquiri-la, crendo indispensável que a sátira demolidora se acompanhasse da lição construtiva [...]»¹¹.

Com intuítos declaradamente pedagógicos por ele foram tratados os mais variados assuntos, da higiene à história, da ginástica feminina à educação, da filosofia à mecânica, da reforma do ensino à biologia, em assombroso leque enciclopédico.

Autodidacta para o melhor e para o pior, há no entanto no seu combate uma extrema generosidade, aliada a um sentido crítico invulgar e a um excepcional poder de observação e análise que o seguinte trecho, a propósito do estado das diligências no

Alto Minho, exemplarmente ilustra: «Dois pequenos garranos, quando não é um só, puxam por cima do macadame faiscante de sol as mais fantásticas carradas de gente e de objectos que a imaginação pode conceber. Dentro do veículo senta-se a primeira camada de passageiros nas bancadas. Depois de todos os lugares ocupados estreitissimamente, à cunha, o veículo considera-se completamente vazio, e mete-se-lhe a segunda camada de passageiros, colocada exactamente em cima da primeira. Feita esta operação começa o interior do carro a achar-se quase cheio, mas não cheio de todo, porque entre o tecto, os joelhos e os bustos dos passageiros da segunda camada nota-se ainda um espaço oblongo a toda a extensão da berlinda, desde a portinhola do fundo até ao vidro da frente. Preenchido este espaço com um passageiro estendido ao comprido, passa-se a ocupar os bancos da imperial e do tejadilho.

Fora, em vez de irem empilhados como no interior, os passageiros são ensanduichados metodicamente com as bagagens e com as mercadorias, pela ordem seguinte: camada de mercadorias, primeira camada de passageiros, primeira camada de bagagens, segunda camada de passageiros, segunda camada de bagagens; e em cima de tudo isto o penso

para os garranos, os merendeiros e os varapaus dos passageiros, e no ar, a um lado, seguro da almofada pela cinta, seguro do guarda-lama pelas pernas, o cocheiro levado a braços pelos viajores»¹². Ou ainda este, a propósito dum discurso proferido pelo rei D. Luís I: «Esta resolução geral de *tomar medidas* acerca de todos os negócios do estado é boa; ela tem sobretudo esta vantagem inapreciável de ser inofensiva e de ser incriticável. A única coisa talvez para desejar, como complemento perfeito de todos os nossos votos, seria que a Coroa, por entre um tão grande número de medidas que se vão tomar, nos apresentasse também, a simples título de amostra, uma ou outra obra de peça feita. Este apensozinho prático à régia oratória produziria em nós um tanto maior júbilo quanto é certo que as meras medidas em projecto, à força de nos serem invariavelmente prometidas em todos os discursos da Coroa proferidos no decurso dos últimos vinte anos, acabaram por assumir um carácter de puras abstracções da fantasia sem realidade correlativa nos seios da próvida natureza»¹³.

A sua crítica no entanto, não se dirige tanto aos fundamentos da sociedade como à forma particular, muitas vezes caricatural, que revestiu em Por-

tugal, ao provincianismo, ao mau-gosto, à incúria, aos dogmatismos, aos acacianismos.

O melhor retrato, fora da ficção, do meio social burguês de então (no dizer de Alexandre Pinheiro Torres), é servido por uma prosa poderosa, de grande poder evocativo e de invulgar plasticidade, «colando-se à ideia como um estofa»¹⁴, que faz confessar ao velho e dorido Camilo Castelo Branco «Você está escrevendo de modo que eu não leio mais ninguém em português.»¹⁵ À riqueza do vocabulário, concreto e colorido, adequa-se o seu temperamento exuberante de artista, fascinado pelo aspecto exterior e decorativo das coisas, receoso talvez de as viver na intimidade dos seus conflitos e lutas.

No entanto, a opinião comum de um Ramalho Ortigão apolíneo e seguro, curioso dos problemas, mas evitando estudá-los fundamente, parece-me naturalmente redutora. Se nele predomina o homem do equilíbrio, da prudência, do bom-senso médio, do apaziguamento de contradições e do resolver de tensões, dele se desprende uma ironia sensual, *ra-belaisiana*, exaustiva, que é, como sabemos, fonte de admiráveis e insuspeitadas hipóteses.

Durante os dezassete anos de publicação de «As Farpas» processa-se uma evolução no pensamento e ideário de Ramalho, (comum aliás a outros mem-

bros da geração de setenta), e que se traduz num certo retorno às raízes, ao regionalismo, ao culto da tradição, numa clara influência naturalista e positivista (de Taine em particular), num nacionalismo empenhado que tem como paradigma ou metáfora viva «Os Vencidos da Vida», grupo jantante, também conhecido pelos onze do Hotel Bragança (onde se reuniam), e do qual faziam parte o Conde de Sabugosa, o Conde de Ficalho, o Marquês de Soveral, Carlos de Lima Mayer, Conde de Arnoso, Carlos Lobo de Ávila, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e António Cândido. À nobreza palaciana aliavam-se assim os intelectuais mais proeminentes, num derradeiro esforço de restauração do prestígio da Monarquia, abalada pelo longo período fontista, ensaiando novo fôlego com a coroação de D. Carlos I, significativamente eleito por unanimidade confrade suplente do grupo.

Para trás ficava o «Cenáculo», reformador e realista, cosmopolita e anticlerical, de claro recorte proudhoniano.

«Deixemos pois os bonzos no altar, riamo-nos deles entre nós, enquanto forte e seriamente desancamos a machado o arcabouço do trono onde têm a cátedra. Este é o meu programa e creio que tam-

bém o seu»¹⁶. A citação duma carta de Oliveira Martins a Ramalho Ortigão, bem poderia ser a epígrafe dum primeiro momento dos homens da geração de setenta, e do autor estudado em particular. Nos anos oitenta e noventa, (e apesar de breve e episódica colaboração no «António Maria) o programa já era, definitivamente, outro.

«As Farpas» não esgotavam porém o tempo e o espaço criativo de Ramalho Ortigão: sensivelmente uma vez por ano, como que ritualmente, executava a preceito o preceito que o seu amigo Eça de Queirós assim resumia: «Tendo nas Farpas estudado e pintado o seu país na alma e no corpo, você muito naturalmente afivela a mochila e percorre os países dos outros, [. . .] aplicando esse esplêndido instrumento de observação e reprodução que o Senhor lhe meteu, todo compacto, dentro da caixinha do crânio»¹⁷.

5.

PELA TERRA ALHEIA:
AS VIAGENS

«A cidade então é pequena e o passeio é pouco. Quer-se a viagem, a liberdade a largueza da terra, a vastidão do mar e a amplidão do céu — o Mundo!»

Pela Terra Alheia

O prazer das viagens, tão ao gosto de oitocentos, produtor de abundante literatura, encontra em Ramalho Ortigão uma ressonância ávida. Não obstante o Romantismo ter despoletado um primeiro surto de interesse pelo pitoresco das impressões de viagem, só de facto com Ramalho, e duma maneira geral com a geração de setenta, este interesse amadureceu e tomou forma.

Para elas o empurra a sua formação positivista para quem os valores mais importantes ciência, progresso, razão estão consubstanciados numa Europa tão inacessível quanto mítica.

A elas o obriga o conhecimento e sofrimento profundo do País, «uma piolheira», segundo o Rei D. Carlos I, «un purgatorio poblado de animas» para Unamuno.

Aprendizagem ou lenitivo para as apagadas e vis tristezas da nossa terra, cada viagem de Ramalho resulta num estudo de civilização comparada.

Parece-nos, no entanto, que o principal motivo das cada vez mais frequentes deslocações reside na procura do prazer estético, que lograva como objectivo supremo de vida: assim, por terras de Espanha deixa-nos descrita uma ida ao Museu do Prado, que visita com o sentido religioso de um cristão a visitar os lugares sagrados. Ao observar um desfile em Madrid impressiona-o sobretudo o carácter artístico e não político dessa manifestação.

Pierre Blasco, estudioso da obra de Ramalho Ortigão nas suas relações com Espanha, atribui-lhe extraordinária aptidão crítica e grande sensibilidade, surpreendendo pela modernidade na análise que faz de certa pintura espanhola, nomeadamente a de Velasquez e Goya, «as duas mais poderosas forças artísticas que ainda produziu a natureza.»¹⁸

Já em Itália, extasia-se perante Roma, que considera a mais perene fonte de informações relativa à história da cultura e do poder mental da huma-

nidade, e à Sicília considera-a «a síntese estratificada de todas as raças e de todas as civilizações que o maravilhoso poder civilizador romano fundiu e latinizou.»¹⁹

À Inglaterra dedica o livro «John Bull-depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização inglesa», (1887), não se eximindo de exprimir uma atitude crítica à soberberia inglesa nas relações entre os dois países, e que o «Ultimato» viria de resto validar.

Dá-nos com «A Holanda» (1883) o seu melhor livro de viagens que alguns consideram ser a sua obra-prima.

Para o pedagogo activo e esclarecido que era, para o burguês civilizado que nunca deixou de ser, para o artista sensorial, a Holanda não pode deixar de representar o paradigma e a mítica referência, a lição e o exemplo fecundo, nos domínios social, económico, político e cultural que não desistia de procurar para o seu país.

E se bem que os Holandeses fossem «seres felizes no positivismo chato das suas ideias e das suas ocupações»²⁰, a sua arte, essa arte que obteve a perfeição do detalhe no rigor do conjunto, deslumbra-o, num entendimento a que o gosto pela pintura naturalista, dela descendendo *naturalmente*,

vem dar o justo alcance: «A fórmula naturalista da arte moderna acha-se inteiramente enunciada depois de duzentos anos na obra dos pintores holandeses.»²¹

Obra de arte mais do que uma obra de crítica, *A Holanda* é no dizer de Fidelino de Figueiredo, uma boa acção. Não temos recebido assim tantas como isso . . .

É ainda em viagem, em Veneza, que recebe a notícia da morte de Eça de Queirós «o mais amado, o mais fiel, o mais honrado companheiro da melhor parte da minha vida», a quem ele deixara dias antes em Glion, na Suíça, conforme refere em carta de 14/9/1900 à sua viúva, Dona Emília de Castro Eça de Queirós.

Com a morte dos amigos mais próximos, Oliveira Martins, seu vizinho da Calçada dos Caetanos, em 1894, Eça de Queirós em 1900, os anos heróicos —, os da melhor parte da sua vida — estavam de facto a acabar.

6.

A ARTE PORTUGUESA:
AS VIAGENS E A ARTE NACIONAIS

«Finalmente, se para cada povo a arte é a segurança da tradição, o refúgio das consciências, o mais puro reflexo da imagem benigna da pátria, a fonte mais caudal de todos os progressos morais, económicos e até políticos —, para cada homem, na tortura de tantas incertezas morais, na mágoa e na ruína de tantas crenças extintas, de tantos ideais desfeitos no melancólico decurso da nossa idade, a arte é ainda, como diz Schopenhauer, a única flor da vida.»

Arte Portuguesa, 1

Esta vertente da obra de Ramalho, englobando alguns dos seus escritos mais importantes, tem sido curiosamente pouco referida e estudada: o seu culto da arte em geral e da arte portuguesa em concreto.

É Reinaldo dos Santos quem afirma que Ramalho Ortigão conheceu e amou a arte portuguesa quase

que religiosamente, das manifestações mais simples da arte popular e regional, até às formas mais complexas. De facto, o seu interesse documentado pela arte e pelo pensamento crítico e estético são uma constante, contrastando singularmente com a falta de cultura plástica e visão artística dos companheiros de geração, realçando justamente José-Augusto França, na sua «História da Arte em Portugal no século XIX», que é Ramalho Ortigão «a personalidade que deve ser focada ao procurar-se o sentido dum pensamento crítico e estético dentro das coordenadas de oitocentos.»

Dos limites e verdadeiro alcance do seu trabalho tem perfeita consciência: «Eu em vez de crítico de arte sou apenas um simples e modesto artista de crítica, sou um comunicador de impressões pessoais, um viandante que passa, através do seu tempo, contando coisas que viu e dizendo os sentimentos que algumas dessas coisas lhe inspiraram. O meu grande mal é não me interessar especialmente por uma coisa só, qualquer que ela seja, porque me interessa completamente e absolutamente por tudo. A indigente multiplicidade dos meus pontos de vista inabilita-me para o especialismo. Os estudos de arte são talvez o objecto principal das mi-

nhas curiosidades. Mas a par disso tenho vocações secretas para outros modos de vida: almocreve por exemplo, marítimo, ferro-velho, jogador de pau, passarinho, homem de forças e poeta lírico.

Desta minha complexidade de tendências resulta uma libertinagem de ideias, em que o público vê algumas vezes falta de lógica, e os poderes constituídos vêm sempre repreensível excesso de fantasia e irreverente abuso de pilhéria.»²²

Os estudos consagrados por exemplo a Silva Porto, Malhoa, Soares dos Reis, continuam saudavelmente actuais, desmentindo por isso um pouco o excesso de modéstia ramalhiana.

É aliás à escola naturalista, de que será importante crítico, que dedicará as mais lúcidas páginas, num entendimento plástico visceral, a que o seu temperamento expressivo, concreto e positivo adere perfeitamente: Todos os seus comentadores são unânimes em reconhecer na sua escrita um grande sentido da paisagem e intensas sugestões visuais e plásticas.

Igualmente fecundo, o seu interesse pelas artes decorativas marca um momento importante na valorização do património artístico nacional. A organização do cortejo festivo das comemorações do

terceiro centenário da morte de Luís de Camões em 1880, são bem o exemplo desse gosto pelo «bibelot», aliado a uma apetência pelo fausto e pelo luxo, que a sua natureza exuberante e festiva *naturalmente* reclama. A sua alma de «bibeloteur» dota-o ainda de uma capacidade quase maníaca de enumeração; como que receando não poder abarcar em qualidade ou numa intuição o conceito ou objecto que didacticamente pretende explanar, quantitativamente os esmiuça, exaurindo-os num gozo inexcedível sendo célebre a sua proposta de nomenclatura do vasilhame português: nada menos que cinquenta vocábulos . . .

Viajante incansável dentro do país que ele conhece como ninguém, espectador maravilhado de cada romaria, procissão ou festa campestre, as artes regionais têm nele um primeiro defensor esclarecido, num interesse etnográfico e etnológico, só muitos anos depois retomado entre nós.

Nessa linha marcadamente regionalista, de conhecimento do país profundo, tinha já publicado respectivamente em 1875 e 1876 *Banhos de Caldas e Águas Minerais* e um guia do banhista e do viajante que adoptou o título genérico de *Praias de Portugal*.

Manuel Mendes refere que consequência directa do ramalhiano gosto pelo luxo e pela arte, pela paisagem e pelos monumentos, o que mais aflige Ramalho Ortigão são os atentados à beleza: o património artístico e histórico, vítima então como agora de aflitiva negligência, é por ele criteriosamente analisado.

As suas realizações nesse domínio são significativas: do estudo sobre arte manuelina (numa compreensão correctíssima que o faz atribuir pela primeira vez a autoria da janela do Convento de Cristo em Tomar a um português, pugnando pela «expressividade», deste estilo, em confronto directo com a visão erudita . . . a visão erudita de um Joaquim de Vasconcelos, a quem de resto Ramalho Ortigão considerava o mestre) à salvaguarda dos painéis de S. Vicente, da proposta de reformulação do ensino, à exigência de realização dum inventário artístico português, Ramalho Ortigão dá um primeiro alerta da urgência da salvaguarda dos nossos monumentos artísticos, arquitectónicos, linguísticos e folclóricos.

«Os homens mais eminentes nas ciências e nas letras têm na arte uma incompetência que confrange.», desabafa Ramalho.

Cem anos depois, o seu lamento continua infelizmente a ter actualidade.

É no segundo volume de *As Farpas* que se encontra a sùmula da directriz mais estritamente teórica da sua actividade como crítico de arte: a célebre carta-manifesto sobre teoria estética, representa bem o essencial de todo o seu pensamento crítico no que refere à actividade artística. A carta de 1884, escrita sob significativo pseudónimo — Simplício Feijão —, e dirigida a Anatólio Calmels, defende uma estética que deixou de ser sistemática e filosófica, metafísica e contemplativa, para se tornar teoria da arte. A influência determinante de Véron, Taine e Tolstoy faz-se sentir: A arte não poderá contentar-se em ser simples teoria do gosto, mas deverá tornar-se análise objectiva da obra e fenómeno artístico.

A ideia duma teoria crítica como campo de produtividade estética é assim particularmente cara ao pensamento estético ramalhiano. Os temas aflorados vão da crítica do gosto à sociologia dos costumes, das impressões do gozo à arqueologia da moda.

Defendendo um relativismo cultural singularmente moderno, adoptando como sua a célebre frase de Émile Zola «ao pó de arroz do Sr. Cabanel, prefiro os cheiros acres e são da natureza»,

é todo um programa de estética naturalista que nesta carta se enuncia e nunca como aqui o «dandy», amigo do luxo e da festa levou tão longe o seu amor pela terra e pela natureza «farta, simples»²³, numa curiosa idiosincrasia de carácter, que a ninguém no entanto até agora pareceu interessar vislumbrar. Naturalmente? ...

7.

ÚLTIMAS FARPAS:
OS ÚLTIMOS ANOS

«Envelhecer não é mais do que isto:
acharmo-nos no mundo sem uma mis-
são a cumprir».

As Farpas, vol. III

É resignado com a aproximação da velhice que o encontramos em 1904 agradecendo a um familiar os votos de parabéns pela passagem do sexagésimo sétimo aniversário: «A vida é uma coisa tão contingente e tão frágil que bem a podemos comparar a ovos em peneira que cada vivente tenha de trazer por entre os encontrões dum arraial. Chegar à minha idade com os ovos inteiros, é prova de habilidade em os não ter deixado quebrar e de mansidão em não ter atirado com eles à cara de ninguém.»

O declínio da fase mais marcadamente criadora da obra de Ramalho Ortigão coincide justamente com a conturbada situação política então vivida.

Desaparecida a maioria significativa dos amigos que o acompanharam da juventude criativa do Cenáculo à maturidade digestiva de «Os Vencidos da Vida», Ramalho empenha-se pela primeira vez num projecto de regeneração política que ficou conhecido pelo «franquismo». Perante a derrocada do sistema constitucional, o autoritarismo de João Franco surgiu como a última hipótese de salvaguarda duma monarquia que Ramalho Ortigão contribuíra para denunciar nos seus aspectos mais inaceitáveis.

Dá-se então, em 1908, o regicídio, que Ramalho sente de forma particularmente aguda. A morte do rei D. Carlos I, amigo pessoal e grande artista, inspira-lhe o texto «Dom Carlos o Martirizado», numa atitude corajosa que já quase não encontra eco.

A implantação da República em 1910 fá-lo escrever a outro amigo, Teófilo Braga, pedindo de imediato a demissão do cargo de bibliotecário do Palácio da Ajuda, para o qual havia sido nomeado pela Casa de Bragança.

Profundamente céptico em relação ao desenrolar do processo de consolidação republicana exilou-se voluntariamente em Paris donde regressa em 1912.

As viagens são agora a sua razão de viver e a sua última paixão.

É completamente desinteressado do rumo político-social do seu país, como seria de prever, em paz com Deus e os homens como seria de esperar, e rodeado de toda a família como seria de desejar, que morre aos setenta e nove anos, no dia vinte e sete de Setembro de 1915, José Duarte Ramalho Ortigão.

8.

«FARPAS ESQUECIDAS»:
CONCLUSÃO

«Faz honra aos sentimentos democráticos de um povo prestar por tal modo a um simples cidadão os tributos funerários que noutro tempo se não pagava senão a príncipes.»

Farpas Esquecidas, vol. 1

Quando Ramalho Ortigão morre muitos se admiraram que ele se tivesse conservado vivo tanto tempo.

Com efeito, os mais íntimos, Eça de Queirós, Oliveira Martins, o próprio Antero de Quental, mortos havia tanto tempo, tinham dado a nota de conveniente sepultura à geração de setenta.

Em 1915, ano de resto fulcral para a cultura portuguesa, da publicação da revista *Orpheu*, dos poemas «Ode Marítima» e «Chuva Oblíqua» de Fernando Pessoa, do «Manifesto Anti-Dantas» de Almada Negreiros, a verdade é que já ninguém se

lembrava dele. A prová-lo, o facto de só nos anos quarenta e através da Livraria Clássica Editora, se ter procedido à publicação das suas obras completas, reunindo em vários volumes artigos e crónicas ainda dispersas: «Figuras e Questões literárias» (1943/45), «Contos e páginas dispersas» (1945) «Costumes e perfis» (1945), edição essa que se encontra quase totalmente esgotada há já vários anos.

No entanto a dolorosa ou risonha actualidade de alguns dos seus escritos mantém-se.

E se para uma obra tão longa e esparsa será sempre possível encontrar contradições, desacertos e ingenuidades, a verdade é que frequentemente Ramalho Ortigão tem sido mal lido e interpretado. Os equívocos começam com a Questão Coimbrã: Ramalho é tido como defensor do reaccionarismo de António Feliciano de Castilho contra a novíssima geração de Antero e nada é menos verdadeiro. Uma leitura atenta mostra-nos uma posição desapixonada e crítica. Insurgindo-se contra Castilho que declarara não brigar, Ramalho Ortigão responde-lhe nestes termos: «Não briga! Pois neste século de livre exame e livre discussão, neste século em que a verdade se não toma dos lábios senão no clarão referido no roçar das ideias sempre cruza-

das e batidas com as espadas dum combate permanente, neste século de acção e reacção, de evolução e revolução, neste século em que vivemos, quem não briga não escreve.»

Também a ideia comumente aceite dum Ramalho Ortigão positivista empedernido e estreito à maneira dum Teófilo Braga, cujo aparato teórico de facto, a certa altura, o seduziu, se desfaz ao lermos o que escreveu, comovidamente, em memória dum amigo desaparecido, o Conde de Ficalho: «Duma cultura enciclopédica, foi sem dúvida um positivista, rebelde todavia ao dogma da infalibilidade científica, como era rebelde ao absolutismo de todas as infalibilidades e de todos os dogmas. O seu espírito lucidíssimo e completamente são tornara-se refractário a todas as alucinações, incluindo a da certeza.»²⁴

Lucidíssimo é aliás o juízo que Ramalho faz de si próprio: «O único inútil da falange sou talvez eu, que em vez de uma acurada monografia estou aqui fazendo um índice de assuntos que só devidamente trataria se de cada uma destas páginas tirasse um livro.»²⁵

Completamente são, também, quando se trata de defender um antigo companheiro, Rafael Bordalo Pinheiro, relativamente maltratado pelos diferentes

poderes: «Desgraçadamente observa-se que os homens rígidos, que mais exemplarmente triunfam das próprias paixões, não triunfam de mais nada.»²⁶

Refractário, ainda, a todas as certezas quando se interroga sobre a explicação «do segredo de mil analogias inteiramente misteriosas achadas pelo nosso espírito ante sensações na aparência mais estranhas entre si; [...] por que razão para um grande número de indivíduos o nome de Luísa é azul, enquanto o nome de Ana é branco e o nome de Ricardo é vermelho, o cheiro de verbena é frio, o cheiro do cravo quente, a letra A é grave e a letra I aguda ...»²⁷

Particularmente feliz, o retrato que dele traça Manuel Mendes: «Por não suportar os sentimentos e os hábitos provincianos, quer ver morigerada uma sociedade, da qual convictamente aplaude os princípios, o corpo e o espírito, mas que para ele é estreita e confrangedora, acanhada nas perspectivas e aviltante para ele, de tão sertaneja. O rei é pequeno um príncipe, a corte de pacotilha, os banqueiros uns pobretanas, os grandes cortejos públicos sem o sentido do aparato, como triviais procições de aldeia, a tesoura do alfaiate habituada ao corte do surrobeco ou do burel do frade, os artistas fracos, a literatura sem fôlego, tudo em suma

uma desventura. Ele não, ele brilha como um sol, de bota envernizada, a suíça flamante, a luneta encavalitada no nariz, e aqueles ares de deus exilado na banalidade.»²⁸

O retrato, repetimo-lo, não é nem tem de ser completo: é que os deuses, mesmo quando exilados na banalidade, são imprevisíveis e devem continuar impenetráveis.

NOTAS

¹ Ramalho Ortigão, *Folhas Soltas*, 1865-1915, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1956, pp. 293-294.

² Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Livraria Lello e Irmão editores, Porto, 1938, p. 31.

³ Ricardo Jorge, *Ramalho Ortigão*, Lisboa, 1915, pp. 7-8.

⁴ Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Livraria Lello e Irmão editores, Porto, 1944, p. 32.

⁵ *Novas Cartas inéditas de Eça de Queirós, Camilo, etc., a Ramalho Ortigão*, Alba Editora, Rio de Janeiro, 1940, p. 6.

⁶ Cit. por Cruz Malpique, *Ramalho Ortigão*, Porto, 1957, pp. 40-41.

⁷ Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Livraria Clássica Editora, Lisboa 1949, s/pág.

⁸ Cit. por Joaquim Leitão, *Breviário da Carreira, etc.*, p. 131, cit., por Abranches Bizarro na sua tese de licenciatura sobre Ramalho Ortigão. Lisboa, 1950.

⁹ Eça de Queirós, Ramalho Ortigão; *O Mistério da Estrada de Sintra*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1972, p. 9.

¹⁰ Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943, pp. 188 e 196-197, vol. II.

¹¹ Hernâni Cidade, *Século XIX a Revolução Cultural em Portugal e alguns dos seus Mestres*, Editorial Presença, L.^{da} Lisboa 1985, p. 110.

¹² Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1963, vol. I, pp. 14-15.

¹³ Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1962, vol. IV, p. 172.

¹⁴ Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Livraria Lello e irmão editores, Porto, 1944, p. 46.

¹⁵ *Novas Cartas inéditas de Eça de Queirós, Camilo, etc., a Ramalho Ortigão*, Alba Editora, Rio de Janeiro, 1940, p. 177.

¹⁶ *Novas Cartas inéditas de Eça de Queirós, Camilo, etc., a Ramalho Ortigão*, Alba Editora, Rio de Janeiro, 1940, p. 196.

¹⁷ *Novas Cartas inéditas de Eça de Queirós, Camilo, etc., a Ramalho Ortigão*, Alba Editora, Rio de Janeiro, 1940, p. 95.

¹⁸ Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1949, vol. I, p. 53.

¹⁹ Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, II, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1949, vol. II, p. 170.

²⁰ Cit. por Maria Amália Vaz de Carvalho, *Alguns Homens do Meu Tempo (Impressões Literárias)*, Tavares Cardoso e Irmão, Lisboa, 1889, p. 92.

²¹ Ramalho Ortigão, *A Holanda*, 3.^a ed., Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1900, p. 326.

²² Ramalho Ortigão, *Arte Portuguesa III*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1947, pp. 163-164.

²³ Ramalho Ortigão, *Arte Portuguesa, II*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943, p. 225.

²⁴ Cit. por Rodrigues Carvalheiro, *A Evolução Espiritual de Ramalho*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1962, p. 201.

²⁵ Ramalho Ortigão, *Arte Portuguesa I*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943, p. 194.

²⁶ Ramalho Ortigão, *Arte Portuguesa I*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943, p. 269.

²⁷ Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943, vol. II, p. 267.

²⁸ Manuel Mendes, *Retratos de alguns portugueses*, edições António Ramos, Lisboa, 1977, p. 27.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE RAMALHO ORTIGÃO

- Arte Portuguesa*. 3 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1943-47.
- Banhos de Caldas e Águas Minerais*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1944.
- Contos e Páginas Dispersas*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1945.
- Correio de Hoje*. 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1948.
- Costumes e perfis*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1944.
- Crónicas Portuenses*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1944.
- Em Paris*. 4 edição Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1943.
- As Farpas*. (Edição integral). Com um estudo de Augusto de Castro. 15 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1942-46.
- Farpas Esquecidas*. 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1946.
- Figuras e Questões Literárias*. 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1943-45.
- Folhas Soltas*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1956.
- A Holanda*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1947.
- John Bull*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1943.

O Mistério da Estrada de Sintra. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1947.

Notas de Viagem. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1945.
Pela Terra Alheia. 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1949.

As Praias de Portugal. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1943.

Primeiras prosas. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1944.

Últimas Farpas. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 1946.

ÍNDICE

Advertência	5
1. Histórias cor-de-rosa: Infância e adolescência	7
2. «Crônicas Portuenses»: A mocidade	11
3. «Uma Campanha Alegre»: A «Geração de Setenta»	15
4. «As Farpas»: A maturidade	21
5. «Pela Terra Alheia»: As viagens	31
6. «Arte Portuguesa»: As viagens e a arte nacionais... ..	35
7. «Últimas Farpas»: Os últimos anos	43
8. «Farpas Esquecidas»: Conclusão	47
Notas	53
Bibliografia	57

COLECÇÃO ESSENCIAL

1. *Irene Lisboa*
por Paula Morão
2. *Antero de Quental*
por Ana Maria A. Martins
3. *A Formação da Nacionalidade*
por José Mattoso (2.^a edição)
4. *A Condição Feminina*
por Maria Antónia Palla
5. *A Cultura Medieval Portuguesa*
(Séculos XI e XIV)
por José Mattoso
6. *Os Elementos Fundamentais*
da Cultura Portuguesa
por Jorge Dias
7. *Josefa d'Óbidos*
por Vitor Serrão
8. *Mário de Sá-Carneiro*
por Clara Rocha
9. *Fernando Pessoa*
por Maria José de Lancastre
10. *Gil Vicente*
por Stephen Reckert
11. *O Corso e a Pirataria*
por Ana Maria Pereira Ferreira
12. *Os «Bebés-Proveta»*
por Clara Pinto Correia
13. *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*
por Maria Assunção Pinto Correia
14. *O Cancro*
por José Conde
15. *A Constituição Portuguesa*
por Jorge Miranda
16. *O Coração*
por Fernando Pádua
17. *Cesário Verde*
por Joel Serrão
18. *Alceu e Safo*
por Albano Martins
19. *O Romanceiro Tradicional*
por João David Pinto-Correia
20. *O Tratado de Windsor*
por Luís Adão da Fonseca
21. *Os Doze de Inglaterra*
por Artur de Magalhães Basto
22. *Vitorino Nemésio*
por David Mourão-Ferreira

23. *O Litoral Português*
por Ilídio Alves de Araújo
24. *Os Provérbios Medievais Portugueses*
por José Mattoso
25. *A Arquitectura Barroca em Portugal*
por Paulo Varela Gomes
26. *Eugénio de Andrade*
por Luís Miguel Nava
27. *Nuno Gonçalves*
por Dagoberto Markl
28. *Metafísica*
por António Marques
29. *Cristóvão Colombo e os Portugueses*
por A. Teixeira da Mota
30. *Jorge de Sena*
por Jorge Fazenda Lourenço
31. *Bartolomeu Dias*
por Luís Adão da Fonseca
32. *Jaime Cortesão*
por José Manuel Garcia
33. *José Saramago*
por Maria Alzira Seixo
34. *André Falcão de Resende*
por Américo da Costa Ramalho
35. *Drogas e Drogados*
por Aureliano da Fonseca
36. *Portugal e a Origem da Liberdade dos Mares*
por Ana Maria Pereira Ferreira
37. *A Teoria da Relatividade*
por António Brotas
38. *Fernando Lopes-Graça*
por Mário Vieira de Carvalho
39. *Ramalho Ortigão*
por Maria João Lello Ortigão de Oliveira

Composto e impresso
para
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
nas suas Oficinas Gráficas
com uma tiragem de dez mil exemplares.
Concepção gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Acabou de imprimir-se
em Janeiro de mil novecentos e oitenta e nove.

CÓD. 213040000

ED. 12.610.501

DEP. LEGAL 24 690/88



1002130400001